

Entre a Estética e a Política: uma proposta de análise para 'O Coro', de Abbas Kiarostami

Alessandra Gomes Silva*

Resumo

Este ensaio se propõe a analisar um pequeno curta-metragem chamado 'O Coro', do cineasta Abbas Kiarostami, de 1982. Nele, buscaremos articular elementos que dialoguem a respeito de aspectos encontrados na arte contemporânea, centrando nossas observações entre estética e política. Com isso, acabamos ainda por abordar a problemática questão da escuta e a presença do 'outro' em nossa sociedade.

Palavras-chave: estética, política, Kiarostami.

Abstract

This essay proposes to analyze a short film called 'O Coro', by the filmmaker Abbas Kiarostami, from 1982. In it, we will seek to articulate elements that dialogue on aspects found in contemporary art, focusing our observations between aesthetics and politics. With this, we end up addressing the problematic question of listening and the presence of the 'other' in our society.

Keywords: Aesthetics; politics; Kiarostami.

* Possui graduação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009), bacharelado e licenciatura em Letras (português-francês) e suas respectivas Literaturas. É mestre em Letras - Literatura (2016), pelo programa de pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da Puc - Rio.

Introdução

Este breve ensaio tem como base um curta-metragem de Abbas Kiarostami, denominado ‘O Coro’, de 1982. Pretende-se observar em tal obra elementos que dialoguem com uma visão de arte contemporânea, sobretudo, centrando nossas percepções nas relações entre política e estética. Inicialmente, destacamos que esta pequena narrativa fílmica compõe com mais três curtas, O pão e o beco (1970), O recreio (1972) e Duas soluções para um problema (1975), um conjunto de obras lançadas no começo da carreira do cineasta. Todos os filmes apresentam relação com crianças e foram produzidos para entidades de apoio aos menores.

Tem-se, então, em ‘O coro’, uma pequena história que envolve o dia a dia de um senhor. Este senhor apresenta uma perda auditiva e para amenizar tal problema utiliza uma prótese auricular. Desse modo, ele continua suas atividades cotidianas e a trilha sonora do filme alterna entre os sons estridentes da cidade e o silêncio completo com a retirada do aparelho pelo senhor. Nesse contexto, passeamos pela cidade seguindo os movimentos do idoso, as casas simples, práticas culturais como o negociar nas feiras, as lojas, a praça, espaços construídos poeticamente pelo cineasta, detalhando imagens do comum, explorando recursos visuais que produzem outros modos de olhar para aquela realidade e àquelas pessoas. O fato é que, por causa do excesso de barulho em um concerto de uma rua, o senhor retira a prótese e com os afazeres domésticos se esquece de colocá-la, deixando trancadas do lado de fora da casa as duas netas que voltavam da escola. Tem-se, então, o nome do curta ‘o coro’, graças ao conjunto de crianças que vão se juntando em frente à casa na tentativa de chamar a atenção do senhor.

Desse modo, gostaríamos de discutir a questão da política nas artes, partindo das reflexões de Rancière, em 'A Partilha do Sensível'. Compreendemos, assim, que toda experiência é política, uma vez que organiza o que é comum a todos, configurando-se em uma experiência da comunidade. A experiência, nesse sentido, traz e dá visibilidade ao que é comum, ou seja, partilhado por um grupo de indivíduos. Logo, pode-se atribuir uma relação entre a experiência estética como experiência política. Isso porque ambas, a política e a arte, organizam e alteram a subjetividade humana. A experiência estética, porém, permite-nos outros modos de organização para além da usual, de ensaiar por novas formas de sentir e de perceber, redistribuindo, a partir de suas obras, os posicionamentos definidos socialmente, alterando o papel que os indivíduos desempenham ou que poderiam desempenhar.

A partilha do sensível influi, portanto, no modo como cada um toma parte na distribuição dos objetos produzidos na e pela comunidade. No curta, a escolha dos personagens representados pelos opostos da vida, na imagem da criança e do idoso, parece-nos marcar a forma como tais sujeitos são vistos na própria sociedade. Já na cena inicial, o curta começa com um som de uma carroça que vem passando pela rua e quase atropela o senhor que não usa, no momento, o aparelho auditivo, percebe-se a falta de sintonia entre o ritmo frenético da cidade e o vagar dos gestos do idoso. Um modo de ser que não pode ser totalmente incorporado à sociedade atual, onde as mudanças são cada vez mais velozes. Além disso, é a visão do comum, do instante momentâneo e fragmentário da vida que aparece capturado pelo filme. A banalidade de acontecimentos corriqueiros que são narrados na tela.

Nesse sentido, associamos Lopes (2004) que busca refletir sobre o conceito de arte, tendo como objeto o cinema contempo-

râneo. O autor defende que houve uma mudança no que seria o conceito de artista na arte moderna em relação ao que consideramos nos dias de hoje. Isso significa dizer, ainda segundo o autor, que há uma valorização do homem comum, da estética do cotidiano como forma de resistência aos excessos da contemporaneidade. Em um mundo de imagens vertiginosas que não permitem a reflexão, já que somos bombardeados de informações e estímulos constantemente, uma poética da delicadeza propõe um prolongamento do tempo para que haja uma possibilidade de promover o pensamento crítico. Assim, a delicadeza seria um modo de resistência do homem frente à massificação que provoca o apagamento do humano frente ao mundo industrial do capitalismo tardio e da chamada era da informação.

No filme, tem-se o silêncio do avô que não pode ser visto como uma perda, mas como afirmação, uma escolha, um modo de lidar com o mundo e com a cidade. Um distanciamento voluntário e necessário contra o ritmo da cidade que se impõe ao sujeito. O senhor opta, portanto, por deixar de ouvir, escolhe o isolamento, escapa ao senso comum, subvertendo o que seria um recorrente problema e transformando-o em estratégia para lidar com o mundo contemporâneo. A história de Kiarostami, aos moldes de uma fábula, encanta por sua simplicidade, pela demonstração de seus afetos, pela aposta na relação com os indivíduos, num final em que se privilegia o coletivo de vozes e pessoas para a resolução do ‘problema’. É a união, cada vez maior, de vozes que consegue chamar, finalmente, a atenção do avô. O filme, assim, nos remete a nossa própria infância e as dificuldades dessa época, bem como prende nossa atenção no suspense pela resolução do impasse. Pode ser compreendido como um recado aos jovens: juntos vocês podem ser ouvidos.

Devemos pensar, no entanto, a questão do modo de construção do objeto artístico hoje. Há, de fato, um investimento no uso da linguagem. Alia-se, então, mais uma vez, a reflexão de Ranciere sobre essa questão ao tratar do tema do comum, uma vez que o domínio do suporte (do *medium*) é que poderá transformar o cotidiano em arte, o modo como esse comum é construído, sobretudo, no cinema e na fotografia. Isso porque, de acordo com o próprio autor, (2009, p.46), “Para que as artes possam dar visibilidade às massas, ou, antes, ao individuo anônimo, precisam primeiro ser reconhecidas como artes”. Daí, algumas questões importantes podem ser debatidas, a primeira diz respeito a uma crítica a um sistema de representação que subordinava o modo de expressão ao tema, como acontecia em determinadas correntes clássicas. Hoje em dia, não há mais esse tipo de subordinação, nem aos suportes, nem aos temas ou mesmo hierarquia entre as artes. Já a outra questão diz respeito ao modo como os temas são abordados, uma vez que não há restrição de temas e formas de expressão, também não nos parece possível que um tema por si mesmo possa ser considerado arte. Entra aqui o papel fundamental da linguagem, da mediação do real, para que esse possa ser transformado em expressão artística.

Nesse sentido, ressaltamos ainda a reflexão de Ítalo Calvino na apresentação de suas ‘aulas americanas’, uma série de conferências que seriam proferidas pelo autor e que deram origem ao livro ‘Seis propostas para o novo milênio’. Desse modo, o autor começa seu texto com uma referência à potência da literatura – e da arte em geral - para a construção de saberes específicos que só por seus meios próprios poderiam ser alcançados. Assim, em um ensaio denominado sobre a ‘Leveza’, Calvino também adverte para o perigo do ‘peso’, que significa um desejo de algum modo abordar a realidade em que

se vive, da inércia, da imobilidade aderirem, nesse contexto, rapidamente à(s) escrita(s).

Ainda, continua o autor a argumentar, a força da literatura – da arte em geral, estaria, ao contrário, em sua capacidade de não agir diretamente sobre o mundo do qual se quer relatar. É na imagem da estratégia utilizada por Perseu para vencer a Medusa, ao olhá-la pelo escudo e não diretamente para ela que residiria a mais forte potência da arte. O peso, então, seria em como tais pressupostos políticos são construídos esteticamente, isto é, interferem em sua capacidade fabuladora. Assim, há o problema do ‘peso’, ou da tentativa de engajamento político, que pode exacerba-se ao tentar inserir-se diretamente no objeto artístico. Não há, portanto, uma tentativa de retratar ‘fielmente’ a realidade, mas todo um trabalho em linguagem para que ocorra uma ‘desnaturalização’ do real, ou seja, uma reconstrução desse real através da ficção.

Nesse contexto, podemos dizer que o filme analisado propõe alguns questionamentos, mas num exercício cativante de extrema leveza, seja por seus enquadramentos, seja pela luz, ou as alternâncias entre som e silêncio, vários elementos podem ser discutidos, nada, no entanto, impõe peso à obra. Várias reflexões poderiam ser associadas à pequena narrativa sem que haja nenhuma imposição de qualquer argumento.

Para Furtado, “Ainda que tenha sido assimilado como produto industrial e, portanto, submetido à lógica e às regras do mercado cinematográfico, o cinema jamais perdeu sua capacidade de experimentação” (Furtado, 2014, p.27). Nesse sentido, a proposta de Kiarostami não se permite fixar, o cineasta é mesmo reconhecido pela experimentação, numa aposta de exploração de linguagem, e, por meio de seus closes e planos, que propõe lançar outros olhares para a realidade, mesmo e, sobretudo, em seus curtas.

Percebe-se, assim, no pequeno filme do cineasta, uma mescla de algumas tendências, não duramente fixadas, mas que funcionam como elementos de análise para o cinema contemporâneo. Desse modo, para Gonçalves, tem-se, de um lado, uma tentativa de fazer “emergir de certo rigor descritivo, de um olhar fotográfico – essencialmente distendido e silencioso – que se volta às delicadezas, às insignificâncias, às pequenas epifanias do cotidiano” (Gonçalves, 2014, p.11). Por outro lado, ainda de acordo com o autor, “deparamos com uma série de mundos dispersivos e lacunares, universos sem totalidade nem encadeamento – um conjunto de caleidoscópios audiovisuais abertos e em movimento” (Gonçalves, 2014, p.11). Uma obra que quer tornar-se múltipla, aberta a diferentes interpretações. Um cinema que pretende, assim, encontrar novos modos para contar histórias, questionando modelos e convenções, explorando potencialidades e a invenção, ‘numa zona de fronteira entre o plástico e o narrativo’. Nesse contexto, afirma Gonçalves

Trata-se de devires, mais do que histórias, de um conjunto de imagens que aparecem como descrições puras, que emergem como potências sensoriais e afetivas, fora de um finalismo ou de um esquema sensório-motor. Trata-se de um cinema de vidência, uma prática audiovisual que acredita na constituição de um novo olhar sobre o mundo – um olhar que se propõe mais livre, poético, sensorial. (GONÇALVES, 2014, p.17)

Considerações finais

Características encontradas em várias das obras de Kiarostami e muito visíveis no curta em questão. Isso porque há a presença de uma narrativa simples, um filme com pouquíssimos diálogos e com um investimento em recursos visuais que se tornam pinturas

em cena. Além disso, o cineasta propõe uma evidente exploração dos sentidos, seja pela beleza das imagens, seja pela alternância marcante entre som e silêncio.

Por isso, para Gonçalves, o cinema torna-se político, uma vez que quer propor reflexão, buscando por novas formas de produzir suas obras. Nesse sentido, o cinema de Kiarostami, visto mesmo pelo próprio diretor, é um cinema político também, mas isso se deve antes a, segundo suas palavras, “não se pode(r) viver em uma sociedade sem uma dimensão política. Os filmes passam por uma mediação do real. E pelo real a dimensão social e política está por todo lado”(2010¹). Aqui não se confunde política com engajamento e é por meio do domínio da linguagem com a qual o artista trabalha que se pode alcançar uma experiência política, por meio de uma experiência estética.

Por fim, acreditamos que cabe à arte a tarefa de reinvenção e de questionamento que são inerentes à própria experiência estética. Posto isso, reiteramos que é na tentativa de produção de reflexões, ainda que provisórias e incompletas, uma vez que nossos objetos também o são, que poderemos ensejar novos modos criativos de ver e de sentir o mundo, conscientes de que a experiência estética pode e deve ser política.

Bibliografia

CALVINO, Italo. *Seis Propostas para o Próximo Milênio*, 2ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

EAGLETON, Terry. *Da pólis ao pós-modernismo*. In: *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. (p. 264-300).

1 Conferência de imprensa proferida por Abbas Kiarostami, no Festival de Cannes, em 2010. Disponível em: <http://www.festival-cannes.fr/pt/article/57664.html>

FURTARDO, Beatriz. Um campo difuso de experimentações. In: GONÇALVES, Omar (org.) *Narrativas Sensoriais: Ensaio sobre cinema e arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. Circuito, 2014. (p.27-40)

GONÇALVES, Omar. *Introdução*. In: GONÇALVES, Omar (org.) *Narrativas Sensoriais: Ensaio sobre cinema e arte contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. Circuito, 2014. (p.9-26)

LOPES, Denílson. *Do sublime à leveza*. Revista Contracampo, UFF, 2004. (p.87-98)

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2012.

Data de submissão: 12/01/2017

Data de aceite: 23/03/2017